DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO: EVOLUÇÃO E TENDÊNCIAS

Autoras: Francisca Dilza de Oliveira[1], Dra. Ana Cabanas[2]

[1]Instituto Interamericano de Ciencias Sociales, Calle Cerro Cora, 1859, E/Mayor Blas Fleitas y Gral. Elizardo Aquino - 12244-000 - Asunción, Paraguay, valdeterinaldi@hotmail.com
[2]São Luís University, 806 Verona Street, Suite 1, Kissimmee, Florida 34741, USA, anakabanass@gmail.com

Resumo
O estudo reflete sobre os desafios na construção do discurso, leitura, escrita, mídias digitais e interpretação de textos multimodais. A função das mídias é oferecer diversidade nas literaturas científica e literária, promovendo a organização leitora e discursiva do indivíduo. Assim, o objetivo é refletir sobre a evolução e as tendências dos desafios na construção do discurso. Trata-se de uma pesquisa descritiva e bibliográfica com abordagem qualitativa. De acordo com a literatura, as dificuldades no processo de leitura e escrita científica são decorrentes da falta de incentivo, de hábitos de leitura e de contextos sociais desfavoráveis. O ensino da leitura e escrita se estrutura na integração entre práticas pedagógicas e sociais, bem como o uso de mídias digitais, visando ao desenvolvimento da interpretação crítica, da produção de conhecimento e da escrita. Portanto, conclui-se que a formação de leitores críticos e autores conscientes requer superar obstáculos históricos e de incentivo, desenvolvendo habilidades analíticas para filtrar informações e interpretar discursos.

Palavras-chave: Processo de ensino e aprendizagem. Leitura. Escrita. Leitor crítico.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas. Educação.

Introdução

As mídias propõem uma diversidade nas literaturas científica e/ou literária que promovem ao indivíduo uma organização leitora e discursiva, manifestando o conhecimento de mundo e as ideologias na realidade social. No entanto, esta diversidade necessita ser filtrada e sair do campo da leitura superficial de dados e informações sem profundidade. Assim, estas possibilidades causam efeitos negativos, pois, diante de tal variedade de textos, o leitor tem de escolher aquele que se encaixa nas possibilidades temporais, eliminando todos os demais focos, o que, em tal contexto, pode não ser uma tarefa tão simples de ser realizada, porque se posiciona diante de fatos e emprega essa habilidade para se situar no mundo e adquirir uma compreensão do mundo que o circunda.

Além disso, as dificuldades no processo de leitura e escrita científica desencadeiam a partir da falta de incentivo, hábito da leitura, contexto social desfavorável, entre outras dificuldades estudantis em ler e interpretar que faz a diferença na vida intelectual e social. Para iniciativas, é necessário entender o contexto, interpretar e escolher o melhor caminho.

O ensino da leitura e escrita se configura no processo de ensino e aprendizagem a partir da prática pedagógica, da prática social e uso das mídias digitais, em que a construção do discurso entrelaça ao desenvolvimento das habilidades de interpretação leitora e de produção de conhecimentos, além da compreensão do sentido de textos multimodais, bem como do posicionamento crítico e aprofundamento de compreender, interpretar e fomentar a escrita. Desse modo, o objetivo deste estudo foi refletir sobre a evolução e as tendências dos desafios na construção do discurso.

Metodologia

A metodologia aplicada foi uma pesquisa descritiva e bibliográfica com abordagem qualitativa. Fundamentou-se para esta revisão da literatura em filósofos, pensadores e autores renomados que abarcam a ideia da construção do discurso.

Resultados

Pela natureza, o homem é um ser falante, um processo natural no desenvolvimento, adquirido em contextos informais do cotidiano e nas relações sociais, bem como nos diálogos estabelecidos desde o primeiro contato da mãe com o bebê. No entanto, a escrita não se manifesta da mesma forma; ela não é intrínseca à natureza humana, mas foi criada por ele e hoje permeia todas as práticas sociais. Em uma sociedade letrada como a nossa, a criança se depara muito cedo com a escrita.

Segundo Vygotsky (2009) a escrita é parte integrante da linguagem, configurada por um sistema de símbolos e signos aos quais a criança atribui significado, determinando os sons e as palavras da linguagem oral. Dessa forma, é nas interações da criança com a linguagem escrita, por meio das experiências vividas, que ela constrói o próprio conceito de escrita.

Assim, na sociedade contemporânea, a capacidade de comunicação por meio da língua escrita é considerada como um instrumento essencial para a obtenção de conhecimento, configurando-se como requisito fundamental para o êxito no âmbito escolar, no qual envolvem as práticas de leitura nas diferentes fontes e a escrita de textos relevantes e significativos, para assim, tornar-se um indivíduo engajado nas práticas sociais. Desse modo, a etimologia constitui o ramo da linguística dedicado à compreensão da origem e da história das palavras que se fundamentam na premissa histórica de que a linguagem, inerentemente, percorre uma trajetória de modificação e, com o decurso do tempo, transformações e neologismos se manifestam (Fischer, 2009).

Na pré-história, a comunicação humana se manifestava através de desenhos em cavernas, marcando o início da história da escrita. Essas representações, conhecidas como pinturas rupestres, desempenhavam a função de transmitir as ideias dos povos, refletindo os desejos e as necessidades. Embora a arte rupestre não constitui se a escrita propriamente dita, devido à ausência de padronização e organização, ela representou o marco inicial da comunicação entre os seres humanos (Chartier, 2002).

Desde as sociedades ancestrais, a decodificação se expressa de forma mnemônica e imagética, como nas pinturas rupestres e fissuras ósseas interpretadas pelo Homem de Neanderthal e pelo Homo sapiens sapiens. Os incas decodificaram informações em nós de quipo, e os polinésios, em registros de cordas. Fischer (2006) define a escrita como uma sucessão de símbolos convencionados (caracteres, sinais ou elementos de sinais) com o objetivo de representar, de modo geral, a linguagem oral e a cognição humana.

A criação da escrita é, frequentemente, imputada por diversas civilizações a divindades ou heróis lendários. Desde a pré-história, o ser humano, por meio das pinturas rupestres, evidenciava a imperiosa necessidade de registrar as atividades e perpetuar um legado. Com a transição do nomadismo para o sedentarismo, impulsionada pelo cultivo de alimentos e a domesticação de animais, emergiu a exigência de um sistema que viabilizasse o registro de bens e a quantificação de alimentos armazenados (Olson; Torrance,1995).

O autor comenta que antes do desenvolvimento da escrita completa, a humanidade utilizou uma vasta gama de símbolos gráficos e ferramentas mnemónicas para acumular informações. Estes incluíam pictografias, bem como, registos efetuados com nós, ossos ou paus entalhados, e tábuas com mensagens, todos interligando objetos físicos à linguagem. A aquisição destes símbolos constituiu um processo de desenvolvimento lento e variável, influenciado pela mentalidade e língua das sociedades que os empregavam.

A escrita cuneiforme, considerada o sistema de escrita mais antigo conhecido, surgiu na Suméria, uma região da Mesopotâmia, classificada em duas etapas principais: pictográfica e silábica e foi decifrada no século XIX. Inicialmente, contadores utilizavam um estilete pontiagudo para registrar o patrimônio em placas de argila, que tinham aproximadamente o tamanho de um cartão de crédito, usando sinais e números. O nome cuneiforme deriva do ato de pressionar uma cunha na argila mole. Após as inscrições, as placas eram secas ao sol. Com o tempo, a escrita mesopotâmica expandiu o uso para incluir registros de contratos jurídicos, inscrições dedicadas aos deuses e narrativas (Lyons, 2011).

No segundo milênio a.C., existiam escolas para escribas com o propósito de ensinar a esotérica arte da escrita, segundo Lyons (2011). Contudo, tanto na Mesopotâmia quanto em outras sociedades antigas, essa profissão era acessível a poucos. Além disso, os sacerdotes detinham o monopólio da interpretação dos livros sagrados e eram os únicos autorizados a ler as mensagens reveladas nas entranhas de animais sagrados.

Horcades (2004) revela que a literatura teve o início com a escrita cuneiforme, sendo os textos literários mais antigos do mundo encontrados em tabuinhas sumerianas, sob a forma de poemas e

narrativas. Contudo, a vasta maioria das inscrições cuneiformes descobertas na Mesopotâmia consiste em registros contábeis e administrativos. Utilizada por aproximadamente três milênios, período equivalente à existência do alfabeto, a escrita cuneiforme é atualmente reconhecida como uma das principais formas de escrita.

Surgidos aproximadamente em 3000 a.C., quase simultaneamente à escrita cuneiforme, os hieróglifos egípcios eram inicialmente considerados meros símbolos de conceitos abstratos. No entanto, a descoberta da Pedra de Roseta em 1799 possibilitou uma compreensão mais aprofundada dos significados e da lógica (Horcades, 2004).

Especialistas em grego dedicaram-se a decifrar os hieróglifos, utilizando o texto grego como uma tradução de referência. Horcades (2004) explica que por meio desses estudos, identificaram que os hieróglifos combinavam três tipos de escrita:

- Pictográfica - empregava imagens para representar literalmente os significados.
- Ideográfica - expressava ideias abstratas.
- Fonética - desenhos simbolizavam o som de letras ou sílabas que, em conjunto, formavam palavras.

Na época da escrita cuneiforme e dos hieróglifos, a alfabetização era restrita a indivíduos de alta posição hierárquica. Escribas, sacerdotes e nobres tinham acesso a essas formas de linguagem, dada a complexidade e o tempo exigido para dominar a vasta quantidade de caracteres e símbolos. Por volta de 1500 a.C., surgiu uma escrita muito mais simples em Canaã, a qual possuía apenas 25 caracteres. Quinhentos anos depois, algumas mudanças ocorreram nesse alfabeto, conhecido como proto-canaanita, resultando em 22 letras e com desenhos mais simples (Horcades, 2004).

O autor menciona que a escrita possui muitas funções no Egito Antigo. Sendo um instrumento de uma técnica material, a escrita está presente em muitos momentos da vida social do povo egípcio, a saber, nas leis, nos ensinamentos, nos registros oficiais, na história, no sagrado. Em diversos textos, sobretudo, na Sátira dos ofícios, podemos perceber a valorização do escriba, como aquele que possui maior valor e respeito no Egito Antigo.

No Antigo Egito, a escrita desempenha diversas funções. Como uma técnica material, ela se fazia presente em múltiplos aspectos da vida social egípcia, incluindo leis, ensinamentos, registros oficiais, história e o sagrado. A valorização do escriba, considerado a figura de maior valor e respeito na sociedade egípcia, é evidente em vários textos, notavelmente na Sátira dos Ofícios (Manacorda, 2022).

O alfabeto latino, que surgiu em Roma por volta de 700 a.C., foi fortemente influenciado pelo alfabeto grego. No entanto, foram realizadas alterações, como a supressão de letras consideradas não essenciais, por representarem sons inexistentes na língua falada em Roma. Influenciados pelo alfabeto, os gregos não só o adotaram, mas também desenvolveram novas letras e o uso de vogais. Diferentemente de outras línguas semíticas, os gregos estabeleceram a escrita da esquerda para a direita. O alfabeto da Língua Portuguesa é o romano, que foi adaptado e criado a partir do alfabeto grego, com alterações no formato das letras pelos romanos (Manacorda, 2022).

Nos séculos subsequentes, essa tendência consolidou-se, e a sociedade organizou-se em torno da escrita, abrangendo a administração pública, escolas, ensinamentos religiosos e bibliotecas. Na Grécia e em Roma, houve uma proliferação de gêneros textuais, como anais, textos jurídicos, médicos, matemáticos, literatura e filosofia. Atualmente, a escrita continua a se transformar, impulsionada especialmente pela tecnologia. Passamos dos restritos e complexos papiros ao papel e à democratização dos livros impressos. Hoje, discute-se a possibilidade do fim do livro impresso, em decorrência do crescente uso de leitores eletrônicos.

Contudo, o autor reitera que pensar consiste meramente na execução de uma análise crítica direcionada ao próprio pensamento. Tal afirmação carrega consigo o propósito de interrogar de maneira contundente o contexto social o qual o discurso se manifestava. O jogo de produção da diferença impunha-lhe uma permanente vigilância ante o locus de dominação, circulação e validação da própria linguagem científica. Havia, pois, que refletir criticamente sobre a multiplicidade de regras e mecanismos institucionais que se abatiam sobre ele. Cumpre, assim, verificar que a consciência acerca desse outro procedimento foi bem matinal em Foucault.

A Educação tem raízes profundas na história antiga, influindo na evolução educacional, na formação da elite e na política. A Grécia Antiga muito contribuiu com a filosofia e a retórica, moldando o pensamento crítico. Sócrates e Platão enfatizavam o pensamento crítico e a formação moral, enquanto Aristóteles introduziu a ideia de que a Educação deve ser prática e ética.

Discussão

O panorama da escrita encontra-se em um estado de transformação significativa, impulsionado pelo rápido desenvolvimento dos diversos meios de comunicação. As representações e práticas de escrita têm passado por sucessivas adaptações a cada inovação tecnológica, desde a invenção da escrita alfabética e da imprensa no século XVI, seguida pela introdução da pena de metal no século XIX, até a era contemporânea, marcada pelo uso generalizado de computadores, tablets e celulares (Fischer, 2009).

A evolução histórica da escrita reflete na transformação do ato de ler, influenciado tanto pelas alterações físicas do texto quanto por mudanças culturais específicas de cada período. Os suportes para registrar textos evoluíram da pedra para o pergaminho e, posteriormente, para o códice. Paralelamente, a própria escrita se modificou, com o surgimento de espaços entre palavras e a distinção entre letras maiúsculas e minúsculas, o que simplificou a leitura e a compreensão textual. (Chartier, 2002).

Segundo Fischer (2006), a escrita é a testemunha imortal, perpetuando a palavra falada ao convertê-la em símbolos duradouros. Primeiro, a escrita se diferencia como habilidade, de leitura, como aptidão. A escrita fundamenta-se no som, demandando a transmutação da palavra oral em sinais representativos. Segundo, a leitura é definida como um processo complexo e mutável, condicionado à interpretação e à extração de significado dos símbolos textuais.

Para entender a apropriação da escrita pelo homem e a evolução da relação com a leitura mediante as transformações tecnológicas é pertinente revisitar o surgimento da escrita. Esta tecnologia, desenvolvida historicamente, permitiu fixar a linguagem oral, superando as limitações de tempo e espaço. Em busca de uma forma de expressão duradoura, o homem primitivo utilizou objetos simbólicos e sinais materiais, como entalhes e desenhos, para registrar a linguagem oral.

A escrita transcende a representação da fala, atuando como veículo de transmissão cultural, abrangendo leis, filosofia, comércio, religião, poesia e história. Para Higounet (2003), a relevância civilizacional é tamanha que define a própria civilização, marcando uma divisão histórica da humanidade. Assim, a escrita preserva a palavra e possibilita o acesso ao universo das ideias, a compreensão do pensamento e a perpetuação no tempo e espaço. A história da escrita, portanto, acompanha a evolução intelectual humana, enriquecendo a compreensão do mundo e de si.

Segundo Horcades (2004), a história da escrita não abrange os desenhos rupestres. Tal distinção se deve ao fato de que esses desenhos são concebidos como manifestações artísticas imbuídas de emoção, em oposição à razão, esta última considerada um elemento fundamental na constituição de alfabetos. Estes visam à comunicação de mensagens por intermédio da correlação entre um significante (sinal escrito) e um significado (objeto ou som por ele representado).

Embora a arte rupestre possuísse utilidade, o autor explica que a forma mais remota de comunicação visual que se assemelha à escrita contemporânea é a escrita cuneiforme dos sumérios que eram um povo da Mesopotâmia, atualmente Iraque, os quais empregavam tabuletas de argila para registrar quantidades de grãos ou gado.

Segundo Manacorda (2022), a escrita ou a arte de escrever é fundamental e é bem circunscrita à figura do escriba. No entanto, houve momentos na história do Egito, em que os escritores tinham a preocupação com a adulteração e a má interpretação dos textos escritos, uma vez que a escrita tinha como função, além de preservar a história da sociedade, auxiliar como métodos didáticos na transmissão de ensinamentos, na administração pública do país, dando um sentido político às relações sociais. E sendo aquele que possui o domínio da escrita, o escriba é ao mesmo tempo aquele que lê, que escreve e que ensina. Transmitindo ao próximo, o escriba, talvez, seja um dos intelectuais de maior importância no Egito Antigo.

Contudo, a arte da boa oratória e da escrita está intrinsecamente ligada à ética. Há uma grande preocupação com o que é dito e escrito, pois a formação ética é tão essencial à arte de falar bem que, mesmo valorizando a oratória, a verdade sempre prevalecerá. Por essa razão, existia uma preocupação com os meduti, uma espécie de sofistas que manipulam as palavras para distorcer a verdade e gerar desordem. Manacorda (2022) aponta que os meduti, de origem popular, buscavam ascensão social e eram movidos por uma ânsia de poder.

Assim, a escrita transcende as próprias normas, expandindo-se para além delas. Não reside na mera manifestação ou celebração do ato de escrever, tampouco na fixação de um indivíduo a uma linguagem. Pelo contrário, a escrita inaugura um espaço de constante desaparição do sujeito que

escreve. Foucault (1992) concebe uma nova fase de curiosidade, um modo inédito de pensar e executar o trabalho científico, motivado pela oportunidade de se libertar da busca por uma monarquia ou supervisão intelectual que frequentemente o incomodava.

A palavra curiosidade deveria, ao contrário, ser apropriada como inquietação, remetendo à responsabilidade que se assume por tudo que existe e que pode vir a existir. Era necessário, a criação de redes e a disseminação do conhecimento, para o desenvolvimento de diferenciações significativas no plano da construção e da circulação do saber. Contudo, compreende-se que o conteúdo teórico nesta subseção contribuiu para o tema desta dissertação, haja vista que a leitura e a escrita na Educação e na formação social ao longo da história destacam-se na interação com a cultura e a sociedade, fundamentalmente, na formação do indivíduo. A capacidade de leitura e escrita é um marco essencial para a humanidade, transpondo as habilidades leitoras à liberdade de expressão e resolução de problemas.

O processo de mediação da aquisição da leitura e da escrita, no entanto, envolve vários desafios. A leitura é crucial, pois permite a decodificação de palavras e a compreensão de textos. Já a escrita, é essencial como um processo de organização do pensamento e de expressão de ideias, superando o entendimento que ler e escrever vão além da transmissão de conteúdo. Para tanto, a autonomia na leitura e escrita é influenciada por experiências de vida e contextos históricos.

Conclusão

A trajetória da linguagem evidencia que a escrita é uma ferramenta mecânica de codificação de fala e uma construção histórica, sociocultural essencial para o desenvolvimento cognitivo e discursivo do indivíduo. Desde os primeiros registros rupestres e a criação dos sistemas cuneiformes e hieroglíficos até as transformações promovidas pelas mídias digitais contemporâneas, a capacidade de ler e escrever consolida-se como um pilar fundamental para a emancipação e a inserção crítica no meio social. Nesse cenário, compreender a evolução das práticas leitoras e de produção textual torna-se indispensável para enfrentar a superficialidade informativa trazida pelo excesso de dados e para incentivar o engajamento autônomo nas diversas manifestações da cultura escrita.

Diante disso, conclui-se que o fortalecimento da leitura e da escrita no ambiente educacional deve articular práticas pedagógicas integradas ao contexto social e às tecnologias digitais. A formação de leitores críticos e autores conscientes exige superar os obstáculos históricos e de incentivo, promovendo o desenvolvimento de habilidades analíticas capazes de filtrar informações e interpretar discursos multimodais. Assim, a democratização do conhecimento e o aprimoramento da produção científica e literária reafirmam-se como caminhos contínuos para a construção de uma sociedade mais justa, participativa e reflexiva.

Referências

CHARTIER, R. **Aventura do livro**: Do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. TSão Paulo. Unesp, 2002.

FISCHER, S. R. **História da Escrita**. São Paulo: Unesp, 2009.

FISCHER, R. S. **História da Leitura**. São Paulo: UnESP, 2006.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 1992

HIGOUNET, C. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola, 2003.

HORCADES, C. **A evolução da escrita**. 2 ed. Rio de Janeiro: Senac-RJ, 2004.

LYONS, M. **Uma história viva**. São Paulo: Senac São Paulo. 2011.

MANACORDA, M. A. **História da Educação**: da antiguidade aos nossos dias. Trad. G. Lo Monaco. 13 ed. São Paulo, Brasil: Cortez, 2022.

OLSON, D. R; TORRANCE, N. **Cultura Escrita e Oralidade**. São Paulo: Ática, 1995.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.